

**ENCONTROS ENTRE MICHEL SERRES E PAULO FREIRE: UMA
EDUCAÇÃO NA CULTURA DA PAZ**

*RENCONTRE ENTRE MICHEL SERRES ET PAULO FREIRE : UNE ÉDUCATION À
LA CULTURE DE LA PAIX*

Amanda Sacramento¹

Ana Zanoti²

Maria Emanuela Esteves dos Santos³

RESUMO: O artigo traz aproximações entre os pensadores Michel Serres e Paulo Freire com o objetivo de refletir sobre as possíveis contribuições da obra desses dois pensadores para o pensamento em educação na perspectiva de uma cultura da paz. Apesar de suas diferenças geográficas, de contexto histórico e social, considera-se que a obra de ambos os autores convergem significativamente quando se busca pensar as questões educacionais de nossa contemporaneidade, principalmente no que diz respeito às relações pautadas no diálogo e na alteridade. Para tanto, foram retomados os conceitos: diferença, alteridade e educação para a aproximação entre os autores e suas obras. Construir esse diálogo trouxe resultados relevantes em razão das convergências propositivas, capazes de fundamentar um pensamento em educação aberto aos desafios de sua época e à edificação de uma cultura da paz.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Serres. Paulo Freire. Diálogo. Educação. Cultura da paz.

RÉSUMÉ: L'article réunit les penseurs Michel Serres et Paulo Freire dans le but de réfléchir sur les apports possibles du travail de ces deux penseurs à la pensée de l'éducation dans la perspective d'une culture de la paix. Malgré leurs différences de contexte géographique, historique et social, on considère que les travaux des deux auteurs convergent de manière significative lorsqu'il s'agit de penser les enjeux éducatifs dans notre contemporanéité, notamment en ce qui concerne les relations fondées sur le dialogue et l'altérité. Pour cela, les notions ont été reprises : différence, altérité et éducation au rapprochement entre les auteurs et leurs œuvres. La construction de ce dialogue a apporté des résultats pertinents en raison des convergences propositionnelles, capables

¹ Educadora Popular, mestranda no programa de pós-graduação "Processos Socioeducativos e Práticas Escolares" da Universidade Federal de São João del Rei.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de São João del Rei.

³ Pós doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP (2022). Doutora em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Université de Rouen - França (2016). professora adjunta no Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de São João Del Rei, é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ. E-mail: mariaemanuela@ufsj.edu.br



de soutenir une pensée de l'éducation ouverte aux défis de son temps et la construction d'une culture de la paix.

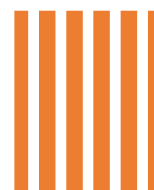
MOTS CLÉS : Michel Serres. Paulo Freire. Dialogue. Éducation. Culture de paix.

INTRODUÇÃO

Esse texto nasceu do interesse em aproximar dois grandes pensadores, que possuem ideias contemporâneas e transitaram em diversas áreas do conhecimento: Paulo Freire e Michel Serres. A princípio suas semelhanças não são muito evidentes, e tal característica pode ser atribuída ao fato de que, ambos não simpatizavam com enquadramentos, padrões ou métodos a serem seguidos, pelo contrário, os autores valorizavam a possibilidade de criação, de reinvenção e de construção de conhecimentos em diferentes realidades. Tal perspectiva não os impediu a criação de metodologias, pelo contrário, eles as criaram de forma significativa para as diferentes situações, por exemplo, uma das produções mais famosas de Paulo Freire é justamente seu método de alfabetização para adultos, elaborado em Angicos em 1963. Por tanto, compreendê-los individualmente torna-se uma atividade singular e minuciosa, que requer algumas contextualizações e recortes, e aproximá-los torna-se um prazeroso desafio.

Paulo Freire, cidadão do mundo, nasceu em Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. Morou na cidade do Recife até 1931. Depois desse período, devido aos impactos da crise 1929, foi viver no município vizinho de Jaboatão dos Guararapes. Continuou seus estudos e suas articulações políticas, com bastante destaque para o método revolucionário de alfabetização, assim, durante a ditadura militar no Brasil, Paulo Freire se exilou em vários países, dentre eles Bolívia, Chile e Suíça. Viveu no exílio durante anos e nesse período produziu várias obras, inclusive *Pedagogia do Oprimido*, que é o único livro brasileiro a aparecer na lista dos 100 títulos mais pedidos pelas universidades de língua inglesa consideradas pelo projeto Open Syllabus⁴. O que contribui para Paulo Freire ser o autor brasileiro mais citado no mundo, com obras traduzidas para mais de 20 idiomas. Ao retornar ao Brasil, foi Secretário de Educação da Cidade de São

⁴Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/02/so-um-livro-brasileiro-entra-no-top-100-de-universidades-de-lingua-inglesa.html>> Acesso em 01/12/2021.



Paulo entre 1989 a 1991 quando experienciou a releitura de sua obra *Pedagogia do Oprimido* no exercício da atividade de gestão. Faleceu em São Paulo em 1997, deixando um legado intelectual, afetivo e espiritual marcante, não só para área da educação. Pode-se considerar como o brasileiro mais homenageado da história, com pelo menos 35 títulos de Doutor Honoris Causa de universidades da Europa e América; além de diversos galardões como o prêmio da UNESCO de Educação para a Paz em 1986. Em 13 de abril de 2012 foi sancionada a Lei nº 12.612, que declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

O filósofo francês Michel Serres teve sua juventude percorrida por importantes e determinantes acontecimentos a níveis mundiais. Nascido em 1 de setembro de 1930 em Agen na França e falecido em 1 de junho de 2019 em Vincennes, viveu com proximidade os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial em sua terra natal. Em sua adolescência, no despertar da sensibilidade e do desabrochar do corpo, Serres (1999) conheceu a curta distância as consequências da Liberação⁵ em territórios franceses: um cenário no qual reinavam o racionamento e a fome, a criminalidade incorporava-se ao cotidiano e os bombardeiros e mortes prosseguiram. Nota-se que suas experiências e vivências são pontos marcantes em várias de suas obras, tratando-as como embasamento de sua filosofia, sempre buscando dialogar com sua contemporaneidade. Escreveu dezenas de livros, como *O contratotal* (1990), *Tempo de crise* (2009) e *Polegarzinha* (2013) que foram traduzidas também no Brasil. Foi professor em Stanford de 1984 a 2013, sendo nomeado para a poltrona 18 da Academia Francesa em 1990.

Paulo Freire e Michel Serres possuem uma vasta produção intelectual, transitando por diferentes áreas do conhecimento, relacionando a educação com diversas questões e abrindo outras perspectivas que podem ser apropriadas pela filosofia da educação. Lourenço (2018) tece possíveis diálogos entre Paulo Freire e a fenomenologia existencial, enquanto Oliveira (2015) estabelece possíveis encontros, através da corporeidade, entre Merleau-Ponty e Michel Serres. Nesse sentido, mesmo que Freire e Serres não tenham se considerado fenomenólogos, alguns estudos apontam aproximações desses autores com essa corrente filosófica. Tal fato, apesar de curioso, poderia ser esperado, pois mesmo que os escritores tenham vivido períodos históricos, com recortes geográficos distintos, ambos têm sua escrita muito afetada pelo contexto

⁵ A Liberação de Paris começou no dia 19 de agosto de 1944 e encerrou com a rendição da última guarnição presente na cidade, em 25 de agosto de 1944. A capital da França era administrada pela Alemanha nazista desde a assinatura do armistício de 22 de junho de 1940.

em que viveram. Cada um viveu realidades marcadas por bastante desigualdade e sofrimento, e essa percepção de construção da realidade torna a relação com o meio, com os outros e consigo, fatores importantes tanto para as discussões filosóficas, quanto para as práticas revolucionárias que os autores apresentam. É neste sentido, que suas obras podem ser lidas em proximidade por aquilo que almejam na construção de uma sociedade mais igualitária, longe dos dogmas teóricos e das disputas epistemológicas que acabam por afastar a ciência e o conhecimento do seu objetivo primordial: tornar a vida das pessoas melhores, por meio de uma cultura da paz e da equidade entre os diferentes sujeitos e os diferentes saberes que constituem o mundo vivido e experienciado. Mas para tanto, é preciso um olhar atento para a diferença e para a alteridade em sua dimensão de complementação, de composição da realidade múltipla e complexa, da mesma forma que um enfrentamento de qualquer subjeição da alteridade à mesmidade, algo que os pensamentos de Michel Serres e Paulo Freire fazem com êxito. Vejamos a seguir, de que forma.

DIÁLOGOS COM A DIFERENÇA

Segundo Sá e Oliveira (2020), Michel Serres não é um filósofo fácil de se ler: primeiro porque Serres dificilmente seguiu padrões e se ateu às duras normas de uma filosofia elitista; segundo porque Serres não se assemelha à imagem do filósofo que muitos estão acostumados - aqueles que sabem tudo de quase nada ou de uma coisa só (Sá; Oliveira, 2020, p. 221). Sua filosofia é multifacetada, transdisciplinar, assim como o próprio Serres (filósofo, matemático, escritor etc) que se ocupou de pensar e refletir os diálogos entre os saberes de diferentes áreas. De acordo com Santos (2012), Serres foi um filósofo das relações, à medida em que considerou que fosse necessária a presença do diálogo entre um "eu" e um "outro". Buscar pontes entre os saberes, a harmonia entre as diferentes epistemologias, sempre foi o seu objetivo. *Homo pontifex* (homem-ponte) é um dos tantos personagens, ou alter-egos que ele criou ao longo de sua obra, como um recurso para realizar as travessias entre saberes que ele considerava de grande importância, rumo a uma cultura da paz, longe de dogmas e imperialismos teóricos, como horizonte final de seu trabalho.

Nesse sentido, Paulo Freire também pode ser considerado um filósofo do diálogo, ou então da dialogicidade, como ele mesmo define. Dentro dos ideais de educação emancipadora, de construção da criticidade e da autonomia, Freire (1987) afirmava que os mesmos não eram

alcançáveis sem diálogo, e que o mesmo consiste no momento de encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Estabelecendo como estratégia central uma proposta de educação humanista-libertadora, na construção de um projeto pedagógico crítico, mas propositivo e esperançoso em relação ao nosso futuro (ZITKOSKI, 2010). Para o autor, o diálogo não é construído apenas de palavras, mas sobretudo de ações e exemplos “O desafio freiriano é construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes, mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso *ser mais*” (ZITKOSKI, 2010, p. 207).

Da mesma forma, existe para Serres uma forte relação entre educação e alteridade, no sentido da possibilidade de se ouvir, dialogar e acolher o outro, em sua plenitude, com todas as diferenças que ambos carregam em sua essência. Paulo Freire também pode ser considerado como um pensador que valoriza a diferença, e para tanto acredita que um dos princípios dos educadores deva ser a tolerância, mas para ele “ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente. Aprender com o diferente, a respeitar o diferente” (FREIRE, 1997, p. 39).

Freire e Serres, podem ser, então, considerados pensadores que valorizam a diferença em sua inteireza, em simultâneo, como alguém que preza por igualdade. “Vale notar que a igualdade não se opõe à diferença, senão, precisamente, à desigualdade. Dessa forma, todos podemos ser iguais e diferentes.” (KOHAN, 2019, p.5). Assim, assumindo essa perspectiva, fica evidente o compromisso desses pensadores com uma educação verdadeiramente democrática.

ARLEQUIM E O CORPO MARCADO DE HISTÓRIAS

Serres também foi potencialmente um grande contador de histórias, ao passo que suas obras carregam a presença de narrativas e personagens que elucidam as percepções e reflexões do filósofo sobre o mundo em que viveu. Serres tomou emprestado o nome de uma famosa personagem de Hans Christian Andersen para refletir sobre as mudanças vividas pelas gerações posteriores a sua⁶, cada vez mais engendradas pelo uso das novas tecnologias digitais de

⁶ SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

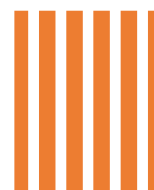
informação e comunicação. Além disso, Serres também recorreu a deuses e anjos como mensageiros para anunciar as transformações vividas pelas sociedades ao longo do tempo, tanto nas relações, nos saberes, nas ciências. Apresentaremos brevemente neste artigo, um de seus mais conhecidos personagens e sua contribuição para as questões educacionais contemporâneas: Arlequim, o Imperador da Lua, também podendo ser conhecido como Arlequim, o Viajante Mestiço.

Segundo Sá e Oliveira (2020, p.223) Arlequim teve suas primeiras aparições em *Hermes*⁷, obra sobre o deus que transporta mensagens e faz a ponte entre o mundo divino e humano, e posteriormente em *Hermafrodita* (1987), sendo um personagem que une os dois sexos, trazendo em seu corpo o macho e a fêmea. No entanto, Arlequim se tornou mais conhecido em 1991, na obra *Le Tiers-instruit*, traduzida no Brasil pela editora Nova Fronteira com o nome “*Filosofia Mestiça*” (1993), e em Portugal sendo traduzida como “*O Terceiro Instruído*” (1993) pelo Instituto Piaget.

Filosofia Mestiça é uma de suas mais famosas e importantes obras sobre educação. A partir dela, Serres abre um leque para se (re)pensar o movimento que leva ao educar. O movimento que, segundo ele, é intimamente ligado à instrução, requerendo a presença de um mestre, uma figura de experiência que direciona o aprendiz ao processo de descobertas e do encontro com a alteridade. Para melhor explicar suas considerações a esse processo, Serres recorre a Arlequim, Imperador da Lua, ainda no prólogo de sua obra.

Arlequim, o Rei/Imperador, retorna de mais uma de suas inspeções lunares. De volta à sua casa, uma plateia o espera para ouvir sobre suas aventuras em outros mundos. Para a consternação de todos, Arlequim afirma que nada viu de novo, que o “lá fora” é igual ao “aqui dentro”, mudando apenas em pequenos graus de beleza e grandeza. Na platéia inconformada, alguém pergunta ao Imperador “ [...] tu que dizes que em toda a parte tudo é como aqui, queres também fazer-nos acreditar que o teu manto é só feito de uma peça, tanto à frente como atrás?” (1993, p.11). Após tal intervenção, a plateia não sabe se deve manter-se calada ou se desatina a rir, pois ante a toda arrogância e altivez de Arlequim, suas vestes apontam o contrário: são farrapos, tecidos irregulares, mal costurados, retalhos de mil tamanhos, formas e cores. Envergonhado, Arlequim decide tirar o casaco para escapar dessa situação constrangedora.

⁷ Série de cinco livros sobre história das ciências, escrita por Michel Serres e publicadas entre 1969 e 1980.



A platéia mais uma vez se encontra estupefata, pois debaixo do manto de Arlequim, encontra-se um véu, uma segunda túnica verdadeiramente como a primeira: novas peças e de velhos farrapos, listrada, zebraada, constelada...(1993, p.12). Arlequim continua o processo, tirando camada após camada, enquanto a platéia ainda observa e aponta consternada, pois a penúltima camada sempre remete a antepenúltima, sempre se parecendo com o primeiro manto descartado pelo Imperador. Por fim, Arlequim finalmente deixa a última camada de tecidos cair a seus pés, mostrando-se totalmente desnudado e em plena exposição perante a plateia, que agora o observa ainda mais espantada que antes: A própria pele de Arlequim confundia-se com o seu manto: pele matizada, tatuada como uma tapeçaria, listrada, salpicada, múltipla, diversa, hermafrodita, indefinida:

Arlequim é hermafrodita, corpo desdobrado de homem e mulher. Escândalona sala, que se vê abalada até às lágrimas. O andrógono nu confunde os gêneros sem que possa repetir os limites, lugares ou margens em que se detém e começam os sexos: o homem perdido numa fêmea, a mulher confundida com um macho. Eis como ele ou ela se mostram: como um monstro (SERRES, 1993, p.13)

Após a exibição, pergunta-se ainda que pode Arlequim mostrar sob sua pele? Claro, sua carne e sangue. Arlequim descobre, para acabar, sua própria carne. Misturados, carne e sangue parecem se confundir ainda mais com o manto de Arlequim (1993, p.14). Há algum tempo, os espectadores começaram a deixar a sala, incomodados com essa “viragem da comédia em tragédia” (p.14), descontentes e desiludidos, até que, já de costas viradas para o palco, a plateia ouve um novo apelo, voltando seus olhos ao palco, escutam: "Pierrot, Pierrot, Pierrot Lunar!" Observaram, no lugar do Imperador da Lua erguia-se uma massa branca, translúcida, incandescente, desbotada, enevoada. “Pierrot, Pierrot!” gritavam ainda enquanto a cortina descia. “Como é que as mil cores assim confundidas podem dar origem a uma massa tão branca?”, perguntaram. Eis a explicação dada: da mesma forma que o corpo, que acolhe as várias diferenças e vivências concebidas de suas viagens, ao ponto de voltar para casa, tatuado, mutado, matizado de novos gestos e conhecimentos, mas sem perceber que algo mudou em si. Ou ainda pelo milagre laico da tolerância, que acolhe pela paz, outras aprendizagens fazendo assim brilhar a liberdade de (re)invenção e (re)criação, de pensamento! (p.15).

Da mesma forma, comparando os textos anteriores e posteriores ao exílio de Paulo Freire, nota-se o quanto a experiência o modificou e deixou marcas em sua escrita. Como o autor relata

em *Pedagogia da Esperança* (2011), o retorno para casa é um exercício de reflexão e humildade para reconhecer aquela nova realidade, que em certa medida habita na memória:

Algumas dessas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego como corpo molhado de história de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados mas não desfeitos, de saudades de meu mundo, de meu céu, águas mornas do Atlântico, da "língua errada do povo, língua certa do povo". Cheguei ao exílio e à memória que trazia nomeu corpo tantas tramas, juntei a marca de novos fatos, novos saberes constituindo-se então em novas tramas. (FREIRE, 2011, p. 17-18)

O trecho destacado de *Pedagogia da esperança* mostra que Freire recorreu às marcas de suas vivências, especialmente de sua infância e mocidade, nas quais ocorreram suas primeiras leituras do mundo e da palavra, como possibilidade de reencontro consigo mesmo, com sua pele, sua história. Dessa maneira, Freire chega ao exílio com saudades da terra em que viveu, olhando para trás com o amor necessário para perceber as desigualdades de nossa sociedade e as dificuldades de nosso povo, acentuando assim a necessidade de transformação.

É interessante destacar que - por muitas razões e circunstâncias, assim como Arlequim - Paulo Freire vestiu o manto do viajante. Esteve por muitas terras, experienciando diferentes culturas e realidades e intervindo juntamente com elas. De acordo com Sá e Oliveira (2020) “a compreensão da mestiçagem consiste em perceber que a chegada do novo não compele à saída do antigo, ambos ao estarem misturados ou consorciados compõem a continuidade e a permanência da mudança” (Sá, Oliveira, 2020, p.228).

EDUCAÇÃO PARA A DIFERENÇA

Sobre o ato de educar-se, para Serres pode-se dizer que tal ato consiste em movimento e o movimento por sua vez ocorre em três momentos: afastamento, exposição e esquecimento. Os personagens apresentados na fábula de Arlequim, representam esse movimento de educar com base no encontro com a alteridade. Arlequim é o único a viajar, a conhecer outros lugares, inspecionar as luas, visitar outras terras, ou seja, ele iniciou o movimento de deslocar-se. Após voltar para casa, Arlequim se desnuda diante da platéia, que observa espantada seu corpo diverso, mestiço, hermafrodita, tatuado pelas marcas de encontros que o Imperador viveu em cada uma de suas viagens e as convergências com o que não lhe era conhecido, pois não, o “lado de fora” não é igual ao “aqui dentro”. As marcas de seu corpo representam sua exposição, seu encontro

com a diferença, e como Arlequim acolhe e encarna tais diferenças, ao ponto que elas passam a fazer parte de si mesmo. Arlequim é mestiço, é multiplicidade e diferença, é singularidade “incoerente”. Não basta tolerar a diferença, é preciso dialogar com ela, incorporar marcas do contato com essa diferença. Mas para que esse acolhimento aconteça, é necessário desnudar-se, abandonar o que é conhecido, expor-se novamente. Entra Pierrot, massa branca e translúcida, unidade unicolor que representa toda superfície colorida da pele e manto de Arlequim, ao mesmo tempo branca o suficiente para receber as novidades que ainda estão por vir.

Com base nessas alegorias podemos estabelecer alguns paralelos interessantes, com algumas perspectivas freireanas. A primeira delas, é a percepção e construção de uma realidade diversa, e não padronizada, ou como Freire (2012) denomina: “A realidade é multicolor, é arco-íris” (FREIRE, 2012, p. 56). Outro paralelo interessante, é o fato do autor considerar todos os indivíduos como possuidores de conhecimento, e por tanto como sujeitos. Sujeitos inacabados em constante construção. “Neste sentido insisto em que a História é possibilidade e não determinismo. Somos seres condicionados, mas não determinados.” (FREIRE, 2012, p.23).

Assim, compreende-se que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 33). Dessa forma, indo contrário à ideia de tabula rasa, ou o que o autor denomina como educação bancária.

A prática bancária subordina o educando, sufocando o gosto pela rebeldia, reprimindo a curiosidade, desestimulando a capacidade de desafiar se, de arriscar-se, tornando-o um sujeito passivo. Contrapondo-se a essa tendência, Giroux (1983), ancorado em Freire, enfatiza que o pensamento dialético fortalece o pensamento crítico, o que representa a possibilidade de desmascarar a ideia de pensamento acabado, das certezas, da realidade homogênea e estática. (ZITKOSKI, 2010, p. 238)

De acordo com Serres (1993, p. 11), ao atravessarmos o rio a nado, podemos nos deslocar o suficiente a ponto de nos afastarmos da margem, ainda assim sendo possível vê-la. No entanto, continuamos o nado, pois se trata de um rio denso, de correnteza forte, pelo qual seguimos, nos afastando, até perder de vista a antiga margem e buscar o outro lado como referência. Durante o trajeto, perde-se as roupas, arranha-se o corpo, abrem-se novas feridas, pois a passagem do rio é árdua, e ainda assim, é neste momento que de fato aprendemos a nadar. Ao chegar do outro lado do rio, percebe-se que o corpo está mudado, cansado de fato pelo caminho percorrido, mas tão mudado a ponto de deixar a rigidez de sua cultura, seus hábitos e tudo aquilo que lhe era

conhecido. Trata-se agora de um corpo transformado, mestiçado, que ao passar por essa travessia, torna-se outro. A travessia apesar de ser um processo individual, acontece no exercício do deslocamento, em que o sujeito vai ao encontro do mundo, e nesse sentido, Paulo Freire relembra que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p.79).

Acreditamos que o conceito de aprendizagem explicitado em *Filosofia Mestiça*, aponta para as declarações de Serres quando é indagado sobre o que é *educar*⁸. Para aprender, conhecer sobre algo, é necessário o desgarre, o afastamento, a autonomia se desprender-se de suas antigas referências e seguir em direção ao que ainda não é conhecido. O mestre, que convida seu aprendiz a seguir pelo percurso, é o responsável por sua transformação, sua mestiçagem, que o direciona a tornar-se um novo sujeito. O mestre pode ser responsável por esse movimento inicial de saída, o restante serão as consequências desse importante passo, e é nesse sentido que para Serres, acontece uma educação plena e verdadeira. Esse é um movimento contínuo, necessário ao educando, para que este possa enfim alcançar seus objetivos de conhecimento, sendo também imprescindível ao educador, uma vez que é necessária a disposição para realizar mais uma vez esse percurso, antes nadando neste rio enquanto aprendiz, agora o reencontrando como mestre.

Eis assim descrito o terceiro instruído, cuja instrução não pára: pela sua natureza e pelas suas experiências, acaba de entrar no tempo; abandonou o seu lugar, o seu ser e o próprio estar aí, a sua terra de origem, viu-se excluído do paraíso, atravessou vários rios, com todos os seus riscos e perigos. Mas será que decola agora da própria terra: habitará ele o tempo? (SERRES, 1993, p.27).

Esse constante exercício de se manter em movimento, atribui uma perspectiva dialética à profissão, quando aplicado a educadores, assim aproximando do termo criado por Paulo Freire (1996) *didiscência*, a partir da junção da palavra docente e discente. Refere-se a uma desejável postura de eterno aprendiz por parte do educador, ou seja, educador sempre disposto a aprender com o que faz e com o próprio aprendiz.

É notório que o movimento de mestiçagem, como descrito no trecho de *Filosofia mestiça* (1993) logo acima, se mostra necessário e permanente. Enquanto educadores, é preciso admitir que nenhum aprendizado, em sua plenitude, se faz às margens do rio, dentro da vizinhança, ou

⁸ SERRES. Educação e Contemporaneidade em Michel Serres. *Rev. Pro-Posições*, v. 26, n. 1(76), p.239-257. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507615>

perto do local de nascimento. O aprendizado consiste nessa viagem, portanto, para ensinar o que quer que seja a alguém, é necessário convidá-lo a atravessar o rio. O aprendiz talvez pudesse percorrê-la sozinho, muitas vezes é uma experiência individual/ solitária. No entanto, para Serres, apenas com uma força propulsora, que pode ser entendida como a presença do mestre, esse aprendiz se deslocará e partirá em direção ao desconhecido/diferente. Acreditando apenas no “naturalmente” talvez não ocorram as condições necessárias para esse desgarre, uma vez que o conhecido é confortável, seguro como um ninho para pequenos pássaros que nada sabem sobre os perigos existentes na floresta. No entanto, mesmo os filhotes de pássaros alçam voos em algum momento, impulsionados pelo instinto de sobrevivência, pela fome etc. É, exatamente esse voo que a educação como mestiçagem busca criar as condições para o seu acontecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que tanto Michel Serres quanto Paulo Freire contribuem para o direcionamento da construção de uma nova pedagogia cujos alicerces nos permitem edificar uma educação na cultura da paz. Isso porque, ambos os autores, perceberam de maneira profunda, a necessidade de (re)invenção das ciências, das filosofias, das artes, e mais importante, das instituições de ensino, ante as novidades de seu tempo. A escrita sensível, os temas significativos e suas posições firmes, buscando sempre o diálogo, a tolerância e o respeito pelas diferenças, marcam vida e obras de ambos pensadores, cujas histórias se distanciam e se aproximam conforme mais nuances são reveladas.

Por outro lado, a partir da obra desses autores, percebe-se o quanto a compreensão das culturas e coletividades, bem como a suavidade necessária às instituições humanas, se mostram comprometidas ao se seguir um único ponto universal, ou uma verdade única. Serres e Freire acreditavam na compreensão baseada no encontro, no diálogo e na alteridade. Tais autores, transcenderam as concepções e métodos engessados, e buscaram a valorização de um saber construído a partir da concretude de seu contexto. Serres e Freire conheciam muito bem a inconclusão e a incompletude dos homens e do mundo. Suas obras, profundas e variadas, convidam a (re)pensar e valorizar as mudanças, embora Serres tenha presenciado transformações mais acentuadas, no que diz respeito à comunicação e o acesso à informação, do que Freire. Ainda assim, ambos autores fluem e confluem nos ideais de uma significativa mudança para o cenário

educacional. Tal mudança, conforme apresentamos nesse texto, vem marcada sobre o signo da diferença, seu acolhimento e vivência máxima da alteridade, materializadas em encontros que, de fato, constituem o conhecimento e a aprendizagem.

É no âmbito do encontro com a diferença, pois, na perspectiva de uma educação para a alteridade, que a educação encontrará os caminhos para o enfrentamento dos seus principais desafios. A filosofia de Michel Serres nos permite, assim, uma releitura do importante legado de Paulo Freire para a educação, a partir de interligações que ela é capaz de fazer entre as contribuições freirianas e a abordagem de uma educação como encontro com a alteridade, na perspectiva do diálogo, da mestiçagem e de uma cultura da paz, corporificadas na figura de Arlequim.

No diálogo a duas vozes que aqui se buscou, manifesta-se, portanto, a possibilidade de redimensionar o alcance e as contribuições freirianas que continuam a se descortinar como camadas a serem exploradas e que não seçam de apresentar e redirecionar para novas dimensões do alcance de suas reflexões. A filosofia de Michel Serres nos permite, de certa forma, fazer proliferar esse pensamento, revivendo e redimensionando suas contribuições para a educação, sobretudo, numa perspectiva de uma cultura da paz.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. Olhos d'água. São Paulo. 1997.

KOHAN, W. O. Paulo Freire e o valor da igualdade em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e201600, 2019.

LOURENÇO, S. S.; MENDONÇA, V. M. A fenomenologia existencial em Paulo Freire: possíveis diálogos. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.3, p. 530-547, set./dez. 2018.

SÁ, Geraldo; OLIVEIRA, Wanderley. (2020). Arlequim e o engendramento do novo em Michel Serres. **Ixtili. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación**. 7(14). 2020, p. 219-236.



SANTOS, Maria E. E. dos. Educação e alteridade: deslocamentos de Arlequim a Pierrot. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas, v.14, n.1, 2012, p.251-267.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Tradução: Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SERRES, Michel. **Luzes**: cinco entrevistas com Bruno Latour. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco, 1999.

SILVA, C. A. F.; Müller, M. J. (Orgs.) **Merleau-Ponty em Florianópolis**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

ZITKOSKI J. J.; REDIN, E. ; STRECK, D. R. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire** – 2. ed., rev. amp.reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010.